

A HISTÓRIA, O TEMPO E A MEMÓRIA EM *A PEDRA DO REINO*, DE ARIANO SUASSUNA

Cláudia Mentz MARTINS*

- **RESUMO:** O romance *A pedra do reino*, de Ariano Suassuna, publicado em 1971, contém em sua composição a cultura popular nordestina e a presença do movimento messiânico da Pedra do Reino. A costura entre esses itens é feita pelo narrador-protagonista que relata sua trajetória e, por extensão, a de sua família, questionando os fatos oficiais da história nacional, manipulando o tempo da narrativa e da narração, e usando a sua própria memória e a de outros indivíduos da comunidade.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Ariano Suassuna. *A Pedra do Reino*. Romance. Tempo. Memória. História.

Ariano Suassuna publicou o *Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*¹ em 1971. Entretanto, a escritura do livro levou mais de dez anos, pois aparecem, no final da obra, as datas de início (19-VII-58) e término (9-X-70) da redação. Nos anos 70, algumas das principais peças que consagraram Suassuna já haviam vindo a público, como *Uma mulher vestida de sol* em 1947, *O auto da Compadecida* em 1955, e *O santo e a porca* em 1957, e ele já recebera diversos prêmios².

Em *A Pedra do Reino*, Suassuna utiliza a matéria-prima de suas produções anteriores: a literatura popular nordestina, acrescentando a presença de um dos mais sangrentos fatos históricos daquela região – o movimento messiânico da Pedra do Reino³, que também ficou conhecido como Pedra Bonita e ocorreu de 1836 a 1836, inspirando-se no sebastianismo.

* FURG – Universidade Federal do Rio Grande. Instituto de Letras e Artes. Rio Grande – RS – Brasil. 96201-900 – cmentzm@hotmail.com

¹ A partir desse momento a obra será mencionada apenas como *A Pedra do Reino*.

² Alguns dos prêmios recebidos até 1970 são: Prêmio Nicolau Carlos Magno, em 1947, por *Um mulher vestida de sol*; medalha de ouro da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, em 1955, por *Auto da Compadecida*; medalha de ouro da Associação Paulista de Críticos Teatrais, em 1957, por *O santo e a porca*; prêmio no Festival Latino-Americano de Teatro – no Chile –, em 1969, por *A pena e a lei*.

³ Em 1836, na comarca das Flores, em Pernambuco, João Antonio dos Santos diz que D. Sebastião está prestes a desencantar e que traz riquezas para os adeptos. As autoridades inquietas, ao verem a quantidade de Artigos recebido em 29 de Junho de 2011 e aprovado em 25 de Agosto de 2011.

A fim de garantir uma costura impecável entre tais assuntos, o autor cria um personagem – Pedro Dinis Ferreira-Quaderna – que mantém uma relação direta com os eventos narrados. Ele é, ao mesmo tempo, um conhecedor e um produtor da cultura popular do Nordeste, e também um indivíduo que domina a história do Reino Encantado por descender dos mentores do movimento.

A Pedra do Reino é formada por um memorial: uma parte é escrita pelo narrador, o personagem central, e outra é ditada por ele à escritã, Dona Margarida, durante o depoimento que presta ao Corregedor, encarregado de resolver o inquérito em que se encontra envolvido. O texto é dirigido à nação brasileira e tem a finalidade de promover sua defesa diante das acusações que lhe são feitas, ou seja, busca angariar a simpatia dos leitores enquanto espera o final do processo “político e literário” (SUASSUNA, 1972, p.6) que o levou à cadeia. Intenta ainda, como sua obra, ser reconhecido como um dos mais importantes escritores do Brasil, demonstrando certa megalomania:

– De fato, mesmo, já o sou [o Gênio da Raça Brasileira], mas pretendo sê-lo também de direito, oficialmente declarado pela Academia Brasileira de Letras! Se eu for condenado neste Processo, mandarei tirar duas cópias de meus depoimentos, mandando uma para o Supremo Tribunal, como Apelação, e outra para a Academia, a fim de que os Imortais me dêem, oficialmente, o título, nem que seja por levar em conta que eu criei um gênero literário novo, o “Romance heróico-brasileiro, ibero-aventuresco, criminológico-dialético e tapuio-enigmático de galhofa e safadeza, de amor legendário e de cavalaria épico-sertaneja.” (SUASSUNA, 1972, p.342).

Por ser a história conduzida pelo protagonista, a narrativa contém as marcas de sua educação e cultura. O primeiro elemento a chamar a atenção consiste no fato de a divisão do livro se dar em folhetos, a forma pela qual são apresentados os livros de cordel, e que atualmente, como lembra Joseph Luythen (1983), é o nome genérico dado a tais obras. Essa marca corresponde às atividades do personagem ligadas à literatura popular nordestina, com a qual teve contato desde criança, tendo

de pessoas – que deixavam de trabalhar nas fazendas – seguindo o líder espiritual, conseguem que um padre idoso bastante prestigiado na região disperse o grupo. Entretanto, dois anos depois, o cunhado de Santos, João Ferreira, que se intitula Rei, retoma a pregação e convence os seguidores de que dois enormes blocos de pedra são as portas do Reino Encantado, a entrada do castelo de D. Sebastião que ali desencantará. Aproximadamente trezentas pessoas reúnem-se no local e escutam que D. Sebastião só voltará à custa de muito sangue, sendo necessário o sacrifício de adeptos. A matança ocorre de 14 a 16 de maio de 1838. No dia 17, o próprio Rei é sacrificado, sendo substituído pelo cunhado Pedro Antônio que ordena a mudança do acampamento para um lugar mais distante, pois o ar estava irrespirável devido à decomposição dos cadáveres. Durante o trajeto são surpreendidos por um contingente que abre fogo contra eles. Gritando “Viva el-rei D.Sebastião” e entoando orações e ladainhas, parte do grupo perece, inclusive o novo Rei. Alguns sobreviventes fogem, outros são presos: as mulheres logo são liberadas, os homens permanecem encarcerados e as crianças são distribuídas à adoção. Cf. Queiroz (1977) especialmente as páginas 222 a 224.

sido discípulo e afilhado de um “especialista” nessa arte: João Melchíades Ferreira. Quando o Corregedor – o juiz encarregado de descobrir a verdade sobre os eventos transcorridos contemporaneamente na região e punir o culpado – chega para interrogá-lo, Quaderna acrescenta a si as funções de cantador, charadista, e diretor da Biblioteca Municipal Raul Machado, além de outras, que o consagram como um indivíduo integrado à cultura sertaneja:

Sou ainda redator da Gazeta de Taperoá, jornal conservador e noticioso no qual me encarrego da página literária, enigmática, charadística, e zodiacal. Posso dizer, assim, que, além de Poeta-escrivão e bibliotecário, sou jornalista, astrólogo, literato oficial, de banca aberta, consultor sentimental, Rapsodo e diascevista do Brasil. (SUASSUNA, 1972, p.269).

No folheto I, temos o momento presente de Pedro Dinis Ferreira-Quaderna, ou como ele faz questão de se apresentar: “Eu, Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna, sou o mesmo Dom Pedro IV, cognominado ‘O Decifrador’, Rei do Quinto Império e do Quinto Naípe, Profeta da Igreja Católico-Sertaneja e pretendente ao trono do Império do Brasil.” (SUASSUNA, 1972, p.5).

A data é nove de outubro de 1938, sendo feita, a partir dela, uma retrospectiva da vida de Quaderna e, por extensão, da história de sua família. Devido à utilização desse recurso, toda a narrativa é contada a partir de sua memória, deixando o leitor a mercê de suas impressões e pontos de vista. Ainda, nesse primeiro folheto, o protagonista procura seduzir o leitor confessando que contará uma história, a qual, segundo ele, congrega as mais diferentes possibilidades de ser: “[...] minha terrível história de amor e de culpa; de sangue e de justiça; de sensualidade e violência; de enigma; de morte; de disparate; de lutas nas estradas e combates nas Catingas; história que foi a suma de tudo o que passei e que terminou com meus costados aqui, nesta Cadeia Velha [...]” (SUASSUNA, 1972, p.6).

A recuperação da história de sua vida tem a finalidade de dar-lhe segurança sobre os acontecimentos, pois, através da sua lembrança, pode revivê-los e ter certeza de que está sofrendo uma injustiça ao ser conservado preso. Ao mesmo tempo, admite que nem todas as ações que praticou foram bem sucedidas: “Agora, preso aqui na Cadeia, rememoro tudo quanto passei, e toda a minha vida parece-me um sonho, cheio de acontecimentos ao mesmo tempo grotescos e gloriosos.” (SUASSUNA, 1972, p.5-6).

O momento mais distante lembrado pelo personagem é o da sua infância, já que do seu nascimento só fala ter ocorrido no ano de 1897. A referência ao período de sua vida, em que tem entre 10 a 12 anos, possui a finalidade de explicar o rumo que sua vida tomou depois de adulto. Órfão dos pais, Quaderna vai morar na Onça Malhada com o tio Dom Pedro Sebastião Garcia-Barretto, também chamado de Rei Degolado,

e com a tia Filipa Quaderna, contribuindo cada um deles na formação do sobrinho. Com relação ao tio, seu inexplicável assassinato, por degolação, injeta-lhe – na alma já voltada às fantasias – o gosto pelo mistério e pelo sobrenatural:

Meu Padrinho foi encontrado morto, no dia 24 de Agosto de 1930, no elevado aposento de uma torre que existia na fazenda na sua fazenda, a “Onça Malhada” [...]. Seu aposento superior era um quarto quadrado, sem móveis nem janelas. O chão, as grossas paredes e o teto abobadado desse aposento eram de pedra-e-cal. Por outro lado, meu Padrinho, naquele dia, entrara só no aposento e trancara-se lá em cima, dentro dele, usando, para isso, não só a chave, como a barra de ferro que a porta tinha por dentro, como tranca. (SUASSUNA, 1972, p.27).

Se essa morte não tem explicação, o mesmo ocorre com o desaparecimento do filho de Garcia-Barretto. No dia do assassinato do pai, o caçula, Sinésio desaparece sem deixar pistas. Esses dois episódios, surpreendentes pelo inusitado e inesperado, aguçam a imaginação de Quaderna que aparentemente demonstra saber a solução: “Bem, não posso avançar nada porque aí que está o *nó!*” (SUASSUNA, 1972, p.29, grifo do autor).

Quanto à tia Filipa, duas são as influências que tem sobre Quaderna. A primeira é de lhe transmitir parte da cultura popular. Das histórias que ela ensina ao sobrinho, a *Cantiga de la Condessa* marca-lhe sobremaneira porque, participando dessa cantiga de roda, ele tem a possibilidade de aproximar-se de Rosa, a filha de um dos vaqueiros da Onça Malhada. Assim, indiretamente, pelas mãos da tia, o personagem inicia-se nos jogos amorosos.

Outra influência dela é a de ter desenvolvido – sem se dar conta disso – a capacidade do jovem em aparentar ser o que não é como, por exemplo, parecer valente, mas não passar de um medroso. O próprio protagonista confessa isso, ao relembrar a figura de Filipa:

Ora, foi Tia Filipa quem me criou, depois da morte de minha Mãe, Maria Sulpícia. Sendo o mais moço dos filhos legítimos de meu Pai, eu era o predileto de minha Tia, e muitas das coragens que me vi obrigado a praticar na vida, eu as fiz por medo dela. [...] Por isso, quando surgia uma questão qualquer em que, segundo os códigos particulares dela, estava empenhada “a honra dos Quadernas”, lá ia eu apavorado, a contragosto, procurando me fazer o mais parecido possível com a imagem que ela guardava de mim. (SUASSUNA, 1972, p.49-50, grifo do autor).

As informações sobre a origem de Dinis – nome pelo qual o protagonista também é conhecido – são importantes por moldarem a sua personalidade e ajudarem

no desenrolar do enredo. Todavia, não se pode esquecer que é ele próprio quem conta os eventos a partir de suas lembranças, ou seja, há uma carga subjetiva inegável em seus relatos. Segundo Bella Josef (1998)⁴, a objetividade não é possível numa história narrada em primeira pessoa, ainda que tenha o propósito de reproduzir a verdade do referente, porque o narrador-protagonista, ao dar sua versão pessoal, aciona o filtro da memória que só deixa passar dados previamente selecionados. Assim, não diz tudo como de fato aconteceu, mas como parece ter ocorrido, ou ainda sonega situações consideradas desfavoráveis à sua versão da história, enquanto outras já foram esquecidas.

Os conhecimentos de Quaderna a respeito da cultura popular, transmitidos quase que exclusivamente pelo padrinho-de-crisma Melchiádes, fazem com que o protagonista os utilize a fim de expressar sua opinião ou gosto. Um dos momentos ilustrativos é aquele em que Samuel, ex-professor e companheiro de Quaderna, ao lhe ler o texto que escreveu sobre Duarte Albuquerque Coelho⁵, é interrompido pelo pupilo que recita poemas populares do mesmo tema:

Eu, tão entusiasmado com a “odisséia marítima” do Fidalgo brasileiro, [...] não me contive e gritei, erguendo de novo o punho para o Céu:

São marujos brasileiros

A bruma da Pátria os criou:

São fortes Varões morenos

Do Mar que Cabral cortou!

(SUASSUNA, 1972, p.165, grifo do autor).

É graças a João Melchiádes Ferreira – que tem a alcunha de “O Cantador de Borborema” – que, aos doze anos, o protagonista toma conhecimento dos feitos da família no período em que ela esteve ao pé das rochas, estabelecendo os impérios da Pedra do Reino:

Apesar de todos os cuidados, porém, um dia, meu velho parente e padrinho-de-crisma, o Cantador João Melchiádes Ferreira, num momento de entusiasmo pelas grandezas da família, contou tudo isso a mim, que era seu discípulo “na Arte da Poesia”. Fiquei terrivelmente abalado, sentindo como se todo aquele sangue infeccionasse o meu de uma vez para sempre [...].

⁴ O ensaio escrito por Josef (1998) não é sobre a obra de Suassuna, entretanto, algumas observações podem ser transportadas para *A Pedra do Reino*.

⁵ Brasileiro, filho de fidalgos portugueses, que lutou e desapareceu ao lado de D.Sebastião na batalha de Alcácer-Quibir, na África.

Fiquei, assim, apavorado e fulminado, por descender do sangue ferreiral e quadernesco, carregado de tantos crimes! (SUASSUNA, 1972, p.31, grifo do autor).

Se não fosse esse cantor, Dinis ignoraria sua origem. Para ele, as narrativas de Melchíades e todas as demais que passa a conhecer e memorizar são importantes para que se (re)conheça e não esqueça quem é; para o personagem, a literatura significa compreender a própria vida. O primeiro dado de morte e sangue sobre os Quaderna chega-lhe através da crônica-epopéica *Memória sobre a Pedra Bonita, ou o Reino Encantado, na Comarca de Vila Bela, Província de Perambuco*, de Antonio Attico de Souza Leite. A história, por ser contada de cor por Melchíades, mostra a Quaderna que se ele quiser construir um livro e entender sua vida, não pode se restringir apenas a sua memória, mas necessita das lembranças de outras pessoas: “Eu ouvia, decorava e cantava inúmeros folhetos e romances que me eram ensinados por Tia Filipa, por meu Padrinho-de-crisma João Melchíades Ferreira e pela velha Maria Galdina, uma velha meio despilotada do juízo, que nos freqüentava” (SUASSUNA, 1972, p.53).

Como o lugar onde aconteceu o episódio da Pedra do Reino difere de outros do interior nordestino, e tem significado especial para Quaderna, sua descrição é feita com minúcias pelo protagonista. A Serra do Reino singulariza-se pela presença da água, de alguns rios que a cortam, e, sobretudo, por duas pedras compridas e paralelas que apontam para o céu. Em função da relação afetiva de Dinis para com esse espaço, é possível a visualização de cada recanto. Ele inclusive se detém a falar dos elementos⁶ de origem mineral que identificam o reino:

A Pedra do Reino situa-se numa serra áspera e pedregosa do Sertão do Pajeú, fronteira da Paraíba com Pernambuco, serra que depois dos terríveis acontecimentos de 18 de maio de 1838, passou a ser conhecida como “Serra do Reino”. Dela descem águas que através dos rios Pajeú, Piancó e Piranhas, são ligadas a três dos “sete Rios sagrados” e três dos sete Reinos do meu Império. Hoje, a Serra está menos áspera e impenetrável do que no tempo do meu bisavô Dom João Ferreira-Quaderna. Ainda assim permanece de acesso difícil e penoso. É coberta de espinheiros entrançados de unhas-de-gato, malícia, favela, alastrados, urtigas, mororós e marmeleiros. Catolezeiros e cactos espinhosos completam a vegetação, [...] o elemento mais importante, ali, [...] são as duas enormes pedras castanhas a que já me referi, meio cilíndricas,

⁶ Como se os detalhes da narrativa não bastassem, Quaderna acrescenta uma imagem das pedras, que confirma a descrição feita no folheto V. Esta ilustração encontra-se nas páginas 36 e 108. A importância das pedras é tão grande para a narrativa que, na página 104, inclui também uma fotografia delas. É possível localizar ainda, ao longo do livro, xilogravuras que retratam episódios do texto. Segundo Bronzeado (1988), essas reproduções oferecem uma “visão multifacetária do mesmo objeto”, possibilitando sua observação por diferentes ângulos e a descoberta de detalhes.

meio retangulares, altas, compridas, estreitas, paralelas e mais ou menos iguais, que, saindo da terra para o céu esbraseado, numa altura de mais de vinte metros, formam as torres do meu Castelo, da Catedral encantada que os Reis antepassados revelaram como pedras-angulares do nosso Império do Brasil. (SUASSUNA, 1972, p.32-33, grifo do autor).

A descrição acima mostra as características sertanejas do local e destaca a soberania das pedras, que singularizam o reduto. O narrador, ao falar delas, deixa-se tomar pelo sangue da sua Raça e as vê como símbolos de sua monarquia. São a prova de que há um Reino legitimamente brasileiro escondido no sertão, sendo ele o regente do Império a surgir.

Ao escrever cada um dos episódios referentes aos impérios da Pedra do Reino, o narrador lhe confere um relevo especial. A cada novo dado, ainda que sangrento, o protagonista se encanta com as ações de seus antepassados e passa a se interessar por elas. Conforme o próprio Quaderna salienta, sua família institui um padrão de comportamento na realização desses Impérios, ao se fixarem próximo de pedras e ao anunciarem para breve a volta de Dom Sebastião⁷, que conduzirá a todos ao reino que havia prometido erguer antes de desaparecer na Batalha de Alcácer-Quibir:

[...] a tradição de minha família é sempre a fundação de um Reino junto a uma Pedra, dentro da qual prisioneiro e encantado está El-Rei Dom Sebastião, o Desejado. No Reino, domina um catolicismo meio-maçônico e sertanejo, baseado no qual nossa família começa a assaltar os gados, as terras, as fazendas, as pastagens e os dinheiros dos proprietários ricos, para distribuí-los com seus súditos fiéis do Reino, juntamente com Cartas-patentes e Cartas-de-brasão. (SUASSUNA, 1972, p.37).

Contudo, durante a contação dos diversos episódios, volta-se muito mais às palavras empregadas do que aos fatos em si: “torre”, “profeta”, “sebastianismo”, “trono”, “ressurreição”, “tesouro”, “templo”, “(des)encantação”, “desafio”, “armas”, “fogo” e “espadas” valem mais pela imagem de uma época suposta de glórias, criada no seu imaginário, do que pelos crimes a que estão relacionadas na história oficial brasileira. A violência inerente à ação é desconsiderada pelo personagem, que só consegue perceber os elementos isoladamente, enaltecendo e dando uma beleza de cunho medieval às crueldades praticadas pelos seus ascendentes.

⁷ Em *A Pedra do Reino*, o mito de Dom Sebastião está carregado do imaginário do mundo cavaleiresco. Desde a primeira menção, o Rei português é associado a um cavaleiro, e assim permanece na imaginação de Quaderna. Segundo Bronzeado (1988), no texto de Suassuna, não há como separar a imagem de Dom Sebastião dos heróis ibéricos e europeus pertencentes aos ciclos de Carlos Magno e de Artur da Távola Redonda, até porque eles estão fundidos, há muito tempo, na cultura do sertão.

Simultaneamente, em razão da apropriação que faz da cultura popular para se expressar, Quaderna torna-se um mantenedor e divulgador das poesias, das trovas, das narrativas locais passadas ao longo das gerações. Ou seja, guarda a memória do meio – tal como o padrinho Melchíades –, não permitindo que a cultura que tanto preza e que dá sentido a sua existência se perca no tempo.

Uma marca do personagem, proveniente dessa literatura, é o modo como se dirige ao leitor: é como se ele estivesse se apresentando ao vivo para o público e não por meio da escrita. As fórmulas que emprega, variando mais ou menos, são as que seguem: “nobres Senhores e belas Damas de peitos brandos” e “vossas excelências”.

Outra importância que a cultura popular tem no livro é a de desenvolver no personagem central a certeza de que a história oficial brasileira não conta a verdade. Já nas primeiras páginas, Quaderna se apresenta como o legítimo herdeiro ao trono do Brasil. Segundo ele, como os seus familiares são os verdadeiros Reis brasileiros, “castanhos e *cabras* da Pedra do Reino do Sertão” (SUASSUNA, 1972, p.5, grifo do autor), cabe-lhe por herança de sangue e decreto divino a Coroa do País.

A fim de comprovar os feitos de seus antepassados, Quaderna expõe, ao longo dos folhetos V a X, a instalação e a destruição dos quatro impérios que se formaram, em seu conjunto, o movimento messiânico da Pedra do Reino. O tom usado durante a narração difere de outras obras que abordam o mesmo tema, pois não o faz de maneira imparcial – apesar de tentar sê-lo para convencer os leitores da legitimidade de seus atos posteriores –; ao contrário, mostra-se entusiasmado a cada atitude dos antigos reis do Reino Encantado e orgulhoso do final trágico de cada um deles:

Foi esse o trágico fim do Quarto Império. E apesar de sua hostilidade, o genial Souza Leite reconhece que a queda sangrenta da nossa Coroa foi “uma catástrofe, uma horripilante Tragédia que a História registrará”: o que prova que nossa Casa Real *não fica devendo nada às outras, em questões de prosápia e importância epopéica*. Nossa Monarquia acaba, como Trono digno desse nome, com os campos e a Coroa banhados pelo sangue dos Reis. (SUASSUNA, 1972, p.47, grifo nosso).

O recurso utilizado pelo protagonista de citar obras e autores, que tratam dos fatos mencionados, serve para ressaltar a importância do movimento promovido pela família e aparentar o desejo de ser o mais fiel possível aos acontecimentos. A intenção de manter a objetividade, durante sua narração, é uma preocupação apresentada pelo personagem desde o primeiro folheto.

Quaderna também questiona a história brasileira referente ao período da escritura do texto, pois não reconhece o governo como legítimo. Essa posição o

coloca várias vezes em uma situação desconfortável junto ao Corregedor, durante o interrogatório. Afinal eles apóiam lados políticos opostos: o protagonista – seguindo a tradição familiar – pertence à esquerda, e o Juiz-Corregedor, à direita.

Ao longo da obra, são citados fatos históricos, sendo alguns dos mais relevantes para o País: o assassinato de João Pessoa, em 1930; a Revolução Comunista, 1935; a insurreição comandada por Carlos Prestes, em 1935; e, o golpe de Estado dado por Getúlio Vargas, em 1937. A menção a eles não é gratuita, visto que estão relacionados diretamente ao texto criado pelo narrador. Tal associação é feita tanto por Dinis quanto pelo Corregedor e pode ser percebida na coincidência das datas: em 1930, foi degolado Garcia-Barretto – pertencente ao partido contrário a João Pessoa; em 1935, ressurgiu Sinésio, acompanhado por homens reconhecidos como aliados a Prestes.

A chegada do Corregedor, em Taperoá, em 1938, não é casual, pois ocorre num ano em que a política nacional está tensa⁸, e tem o propósito de, por meio da resolução do assassinato de Pedro Sebastião Garcia-Barretto e do sumiço, seguido da morte, de Sinésio, averiguar a existência ou não de pessoas que se opõem às autoridades ou que promovem revoltas. Além de investigar o real envolvimento de Quaderna nos episódios mencionados:

Estava-se nesse ambiente quando chegou à nossa Vila de Taperoá um certo Juiz-Corregedor, homem poderoso e perigoso, aumentando os boatos que já corriam sobre a situação política. [...] Mal chegara, o Corregedor, homem arguto, se apercebera do verdadeiro alcance e sentido de tudo aquilo. Telegrafou então ao Tribunal da Paraíba pedindo uma licença especial, e abriu inquérito, reabrindo velhos processos, desencavando autos empoeirados, farejando e esmiuçando tudo como um cachorro danado.

Aí, ocorrera o pior, para mim: alguém me delatou ao Corregedor como implicado nos acontecimentos [...]. (SUASSUNA, 1972, p.189).

Por mais que tente se abster de qualquer culpa, seja com relação à morte do tio e do primo ou a de praticar alguma atividade política, a cada momento do depoimento, mais o protagonista se incrimina, chegando mesmo a confessar ser comunista, ainda que não nos moldes “convencionais”, por ser também monarquista de esquerda. Cabe-lhe ainda alimentar a suspeita do Corregedor com relação ao envolvimento político de Sinésio Garcia-Barretto nas revoltas nacionais, pois, na sua fala, afirma que sobre o rapaz sempre há notícias “fantásticas, incertas, enigmáticas e sempre ligadas

⁸ No ano anterior, Getúlio Vargas suspendeu as eleições e as garantias constitucionais, promovendo a censura e instituindo o Tribunal de Segurança Nacional. A reação dos integristas era então um acontecimento esperado a qualquer momento.

às Revoluções ou tentativas de insurreição” (SUASSUNA, 1972, p.298), no período de 1930 e 1935.

O caráter messiânico assumido pela figura de Sinésio, o Alumioso, é outro aspecto com o propósito de alterar a história nacional. Assim como vingou a crença na volta de D. Sebastião, em Portugal, quando do seu desaparecimento em Alcácer-Quibir, a certeza de que Sinésio reapareceria para (re)instaurar um Reino nordestino desenvolveu-se no espírito sertanejo, tendo Quaderna contribuído na pregação dessa doutrina, de acordo com sua própria confissão:

Ora, Sinésio concentrara em torno dele, durante todos aqueles anos, as esperanças de justiça da ralé sertaneja, como o senhor [Corregedor] chamou há pouco. O povo nunca perdera a fé na sua volta, quando ele, ressurreto, realizaria a restauração, ou instauração de não sei que Reino, um Reino sertanejo no qual os proprietários seriam devorados por dragões e todos os Pobres, aleijados, cegos, infelizes e doentes ficariam de repente poderosos, perfeitos, venturosos, belos e imortais. Por isso, naquele Sábado, com a chegada epopéica do rapaz do cavalo branco, as duas idéias logo se juntavam num boato só. Sinésio viera para instaurar o Reino, e a guarda de Ciganos que o acompanhava não era senão a guarda-avançada de uma nova Coluna que o Fidalgo e Guerreiro, o Capitão Prestes, enviara ao Sertão para rebelá-lo e subvertê-lo, como tinha feito em 1926, com a célebre “Coluna Prestes”! (SUASSUNA, 1972, p.343-344).

Pela descrição feita, o Alumioso assemelha-se a um cavaleiro medieval pronto a lutar por um povo. Concomitante, pode-se ligá-lo à imagem que as pessoas tem de Luis Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança, no mesmo período. Independente da figura que representa, Sinésio passa a significar um indivíduo que não concorda com a ordem estabelecida naquele lugar e que, por isso, deseja promover alterações.

A identificação de Senésio com um ser enviado para ajudar a quem necessitar é feita por dois motivos: um deles em função da alcunha que recebe, o “Alumioso”; o segundo, pela proximidade da história do jovem com a do Messias. O seu direito provém de Deus, ou seja, ele nasceu, morreu (o desaparecimento é uma espécie de morte em vida) e ressuscitou para levar a todos que o seguirem a uma vida feliz, num reino por ele fundado, conforme anunciado por aqueles que o seguem:

— Povo de Taperoá! Aquele rapaz, desaparecido aqui em 1930, maltratado por seus cruéis inimigos, que mataram seu Pai e o raptaram no mesmo dia; aquele rapaz, tão querido por todos os Pobres do nosso Sertão, voltou hoje aqui para reivindicar seus direitos *sagrados*! [...] Foi sempre ao lado desse Povo que ele esteve, foi sempre a seu lado que ele apareceu, e é isso que os seus inimigos não perdoam. (SUASSUNA, 1972, p.358, grifo do autor).

Entretanto, para o personagem central, a mudança na história brasileira não se resume a inserção desse recém-chegado no lugarejo, mas também no fato de esse desencantar o reino ao pé das pedras, viabilizando o início efetivo do quinto império da Pedra do Reino a ser comandado por ele, Quaderna. Assim, a um compete a responsabilidade espiritual e ao outro a política, não importando quanto tempo isso leve para ocorrer.

Todos os episódios sobre os impérios da Pedra do Reino, ainda que contados cronológica e sequencialmente, ao serem concluídos, geram uma quebra temporal, isto é, o leitor perde a noção do tempo transcorrido entre o começo e o fim da história a respeito da sucessão dos reinos. O tempo de duração de cada império está explícito no texto, porém, a narração a respeito deles tem um prolongamento que deixa o leitor desorientado quanto ao tempo do narrador, uma vez que, a passagem dos anos relatados desvia a atenção do tempo presente, isto é, do ano de 1938. Do início da narrativa até ao seu final, não se sabe quantos dias transcorreram.

A ação de Quaderna, em falar dos impérios da Pedra do Reino, é a forma que encontra de recuperar um tempo passado, marcado de glórias. Como cada um desses reinados tem a mesma estrutura – a fundação do império, a permanência do rei por um período, o desmembramento e/ou a destruição do grupo – ao restaurar os fatos, o narrador apresenta o tempo como possuidor de um movimento cíclico, ao qual quer integrar, pois deseja estabelecer um novo e quinto império. Todavia, se Quaderna tem o propósito de inserir-se no processo, também deseja rompê-lo. Essa ruptura tem vez quando promete a si mesmo não ter o mesmo final trágico e sangrento de seus antepassados, mas de sobreviver aos acontecimentos. Portanto, sua intenção é de retomar o passado, alterando o futuro, dando princípio a uma nova era de venturas para a história da família.

O objetivo que se propõe, ser o próximo rei do Reino Encantado, faz com que o personagem viva quase que somente no passado, exaltando os feitos sobretudo do “Rei Execrável”, soberano do Terceiro Império. O presente para Quaderna não tem sentido se não conseguir pôr em prática seus intentos régios; ele vive para alcançar o que crê ser uma causa maior, ainda que tenha de esconder de todos a sua meta.

Durante o depoimento de Quaderna, o tempo se arrasta lento, do agora pouco se fala, afinal todos os episódios que interessam ao Corregedor são anteriores ao hoje; ao ano de 1938. Sem reino desencantado, com a morte do Alumioso, sem revoltas sociais e políticas não há o que narrar do presente. Percebe-se que o tempo do depoimento transcorre não apenas pela sucessão dos diálogos e narrações, mas pela marcação das horas, ou dos sinais de que o sol se põe.

A obstinação em recuperar o passado também caracteriza o Corregedor, pois o inquérito que instaura visa encontrar explicações para crimes arquivados e outros mais recentes, mas que têm uma origem remota. As elucidações para o assassinato

de Garcia-Barretto e para o sumiço, seguido de desaparecimento e morte, de Sinésio são relevantes por esclarecerem episódios sociais e políticos recém-acontecidos na Vila de Taperoá.

Observa-se, portanto, em *A Pedra do Reino*, que o presente não tem significado maior para os personagens, é apenas um estado de recordação e espera, enquanto o passado é o momento de maior valor, já que nele feitos gloriosos ou execráveis – dependendo da posição da personagem na narrativa – foram executados, praticou-se a ação e deu-se origem a um mundo, a Pedra do Reino, que, segundo seus simpatizantes, propunha ser um espaço de felicidade e autenticamente nacional. O futuro somente tem razão de acontecer caso recupere e atualize o passado, tornando o sujeito um agente, isto é, produtor da sua História e não simples cantador de obras alheiras. Enquanto o tempo não possibilitar essa ação do personagem, ele permanecerá num eterno presente. Tanto é assim que o final da narrativa fica em aberto, não se sabendo o destino do personagem, qual a sentença que lhe foi dada findo o inquérito; seu presente é perene.

A importância de um tempo anterior ao vivido é notada pela presença de elementos constantes ao longo do texto: as histórias populares, as pedras e as roupas de imperador. As diferentes histórias populares são recordadas porque referem-se à época dos reinos da Pedra, ou então porque lembram grandes personagens da cultura européia como os Doze Pares da França, que inspiraram os reis da família do protagonista. As pedras são as testemunhas das atrocidades cometidas ao longo dos quatro reinos e marcam a Quaderna o lugar onde terá seu trono. É somente diante da visão delas que ele realmente entende o quão grande é sua herança régia, convencendo-se ser seu destino assumir o papel de rei do Brasil. Perante as pedras, ao vestir as roupas imperiais de seus antepassados, o personagem tem a sensação de o tempo ter retrocedido à época dos reis dos quais descende, tornando-se ele próprio um deles:

Ergui-me, atei ao pescoço, jogando-o para as costas, o Manto real, subi à Pedra dos Sacrificios onde fora degolada a Princesa Isabel, coloquei a Coroa sobre a cabeça e fiquei um momento com o Cetro na mão direita e o Báculo na esquerda, de pé, na posição em que Dom João Ferreira-Quaderna, o Execrável, aparece na figura do Padre.[...] Uma espécie de aura começou a girar, esquentar e encantar meu juízo, sangue a estremecer pelo horror sagrado e epilético, num ridimunho de glória, inferno e realeza. Rangi os dentes: ¾ “Vou morrer! Ninguém pode ir tão longe e tão alto!” Mas reagi e me mantive firme, pronunciando até o fim as palavras da “Pedra Cristalina”, até que senti que meus lombos tinham sido consagrados e minha fronte definitivamente selada com o Régio Selo de Deus. (SUASSUNA, 1972, p.107).

Segundo Henri Bergson (1990), o sentimento *déjà vu* provém do reconhecimento que a pessoa faz de um objeto no presente. No caso do personagem, as roupas que veste fazem com que consiga se recordar de uma imagem já vista sobre um de seus antepassados e assim se transportar para a mesma situação vivida por esses. Mas, por ser apenas uma ilusão do personagem, precisa voltar ao presente, retirar as roupas e transforma-se novamente num charadista e cantador de histórias, à espera de um futuro que o glorifique. Apesar de ter se sentido coroadado, o retorno ao passado deu-se apenas na sua imaginação e memória, não ocorrendo de fato.

Assim, apreende-se que para o protagonista e para a sua obra a memória é fundamental, pois é por meio dela que recupera sua origem, a história de sua família e do País; é o resgate de um tempo passado enquanto aguarda uma época vindoura, em que espera consagrar-se Rei, ainda que não realize efetivamente nenhuma ação, no momento presente, que o auxilie na concretização de seu desejo. Nota-se que a memória consiste na chegada do passado no presente, que só tem validade graças àquele.

É somente por Quaderna ter memória que pode escrever. Ele conserva os dados dentro de si, e, a partir das suas recordações – vividas ou contadas –, faz uma reflexão da História e da Literatura. A memória é como um filtro que deflagra o conhecimento e que lhe permite reconstituir a própria trajetória, apresentando-se como elemento subsidiário de volta à origem.

A história contada por Quaderna não é a dos poderosos, mas dos sertanejos, e não valoriza os heróis ou os fatos históricos oficiais; ao contrário, despreza-os e cria os seus próprios. Faz isso, por exemplo, quando menospreza a importância da família Bragança alegando ser ele, Quaderna, o legítimo herdeiro do trono do Brasil.

Em *A Pedra do Reino*, a História e o Tempo são invadidos pela Memória do protagonista, e só através dela se consegue explicar e entender os primeiros índices, ou seja, é preciso reconhecer e aceitar as lembranças de Quaderna para tornar o mundo criado por ele crível. Da mesma forma, a obra – que é a representação do personagem, com seus sonhos, temores, ilusões e incompletude – por ele escrita e narrada, durante o depoimento, deve ser compreendida a partir da cultura que retém na Memória, caso contrário, perde o sentido de existir (tal como Quaderna).

MARTINS, C. M. The history, the time and the memory in *A pedra do reino* by Ariano Suassuna. **Revista de Letras**, São Paulo, v.51, n.1, p.57-70, jan./jun. 2011.

- **ABSTRACT:** *The novel “A pedra do reino”, by Ariano Suassuna, published in 1971, contains in its composition the Northeast popular culture and the presence of the messianic movement of Pedra do Reino. The union between these items is made by the protagonist-narrator which reports his trajectory and, at the same time, the trajectory of his family, questioning the official facts of the national history. He manipulates the time of the narrative and of the narration, and he uses his own memory and the memory of other people of the community.*
- **KEYWORDS:** *Ariano Suassuna. A Pedra do Reino. Novel. Time. Memory. History.*

Referências

BERGSON, H. **Matéria e memória:** ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução de Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BRONZEADO, S. L. R. de F. **Messianismo e cangaço na ficção nordestina:** análise dos romances *Pedra Bonita* e *Cangaceiros*, de José Lins do Rego e *Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna. 1988. 546 f. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento em Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

JOSEF, B. (Auto)Biografia: os territórios da memória e da história. In: _____. LEENHARDT, J.; PASAVENTO, S. J. (Org.). **Discurso histórico e narrativa literária.** Campinas: Unicamp, 1998. p.295-306.

LUYTHEN, J. M. **O que é literatura popular.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

QUEIROZ, M. I. P. de. Movimentos messiânicos rústicos. In: _____. **O messianismo no Brasil e no mundo.** São Paulo: Alfa-Omega, 1977. p.216- 330.

SUASSUNA, A. **Romance d’A Pedra do Reino e o príncipe do sangue vai-e-volta.** 2.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.